

CRIAÇÃO DE CARNEIRO DE CORTE

 Cursoslivres



Tipos de instalações na ovinocultura de corte: abrigo, cercas, bebedouros e comedouros

A infraestrutura física de uma propriedade voltada à criação de ovinos de corte desempenha papel fundamental para o bem-estar animal, a eficiência produtiva e a sustentabilidade econômica da atividade. As instalações devem ser planejadas conforme o porte do rebanho, o sistema de criação adotado (extensivo, semi-intensivo ou intensivo), as condições climáticas locais e os recursos disponíveis. Entre os principais elementos estruturais estão os abrigos, as cercas, os bebedouros e os comedouros, todos com funções específicas, mas integradas à dinâmica do manejo.

O **abrigo** é a estrutura destinada a proteger os animais das intempéries climáticas, como chuvas, ventos, frio e radiação solar excessiva. Embora os ovinos sejam considerados rústicos e capazes de suportar variações ambientais, o abrigo se torna indispensável, sobretudo em sistemas intensivos, em regiões com clima adverso ou durante fases críticas como nascimento, aleitamento e terminação. Um bom abrigo deve oferecer conforto térmico, ventilação adequada, piso seco e facilidade de limpeza. Não há necessidade de construções sofisticadas; estruturas simples com cobertura de telha, paredes parciais e cercado resistente podem atender satisfatoriamente. A orientação do abrigo deve privilegiar a ventilação natural, evitando o acúmulo de umidade, que favorece doenças respiratórias e problemas podais.

As **cercas** são essenciais para o controle dos animais dentro das áreas destinadas à pastagem, ao manejo sanitário e à proteção contra predadores. Sua função principal é delimitar espaços e organizar a movimentação dos ovinos, evitando fugas, acesso a áreas inadequadas e misturas indesejadas entre lotes. Existem diferentes tipos de cercas utilizadas na ovinocultura, como a cerca convencional de arame liso, a cerca de arame farpado, a cerca de tela soldada ou galvanizada, e a cerca elétrica. A escolha do tipo dependerá do orçamento disponível, da frequência de manejo e da topografia do terreno. Cercas eficientes devem ser bem fixadas, com espaçamento adequado entre os fios ou malhas, para impedir que os animais escapem ou

fiquem presos. A manutenção regular é fundamental para garantir a segurança do rebanho e a durabilidade das estruturas.

Os **bebedouros** são elementos críticos para a manutenção da saúde e da produtividade dos ovinos. A água é um recurso indispensável, sendo que a qualidade, a temperatura e a disponibilidade influenciam diretamente no consumo alimentar e na conversão em carne. Bebedouros devem ser projetados de forma a evitar o desperdício, a contaminação e o acúmulo de sujeira. Os modelos mais comuns incluem bebedouros de concreto, de plástico rígido, de metal galvanizado ou em forma de caixas adaptadas com válvulas. Em sistemas extensivos, podem ser utilizados açudes e cacimbas, desde que a água seja limpa e de boa procedência. Já em sistemas mais tecnificados, recomenda-se o uso de bebedouros automáticos, que asseguram fluxo contínuo e minimizam o trabalho de manutenção.

Os **comedouros** são fundamentais para o fornecimento eficiente de alimentos, sejam eles concentrados, volumosos ou suplementos minerais. Um bom comedouro deve permitir fácil acesso aos animais, evitar o desperdício de ração e facilitar a limpeza. Os materiais mais utilizados são concreto, madeira tratada, metal ou plástico resistente, variando de acordo com o tipo de alimentação ofertada. Em sistemas intensivos, os comedouros lineares ou circulares são mais comuns, permitindo que todos os animais se alimentem simultaneamente. Já em pastagens, o uso de cochos móveis ou protegidos por coberturas é uma solução prática para suplementação estratégica. Além disso, é importante considerar a altura e o espaço linear por animal, evitando disputas e garantindo uma distribuição alimentar uniforme.

A organização e a disposição dessas instalações devem seguir um planejamento integrado, que facilite o fluxo de manejo, minimize deslocamentos desnecessários e otimize o uso da mão de obra. A adoção de boas práticas de construção, como o uso de materiais duráveis e o respeito ao bem-estar animal, contribui para o aumento da longevidade das estruturas e para a redução de custos a longo prazo. Vale lembrar que, embora o investimento em instalações seja necessário, a racionalidade e a funcionalidade devem prevalecer sobre a sofisticação excessiva.

Além das estruturas básicas, outras instalações complementares podem ser incorporadas conforme o crescimento da propriedade, como currais de contenção, balanças, embarcadouros, salas de armazenamento de ração e medicamentos, e áreas de maternidade. No entanto, a implantação gradual e conforme a demanda permite uma melhor gestão de recursos e evita investimentos desnecessários.

Em síntese, a eficiência produtiva na ovinocultura de corte depende em grande parte da adequação das instalações. Abrigos bem posicionados e ventilados, cercas seguras, bebedouros limpos e comedouros funcionais são componentes indispensáveis para garantir a saúde, o conforto e o desempenho zootécnico dos ovinos. A atenção a esses aspectos estruturais, aliada ao bom manejo, resulta em um sistema de criação mais produtivo, econômico e sustentável.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Instalações e manejo para criação de ovinos de corte*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

SANTOS, N. M.; RIBEIRO, M. N. *Infraestrutura e bem-estar na ovinocultura de corte*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019.

SILVA, C. J.; LIMA, M. F. *Manual de boas práticas para instalações na criação de ovinos*. Recife: EDUFRPE, 2021.

COSTA, R. G.; MEDEIROS, A. N. *Bem-estar animal e instalações para ovinos em sistemas tropicais*. João Pessoa: UFPB, 2022.

Ambientação dos animais e cuidados iniciais na ovinocultura de corte

A fase inicial da criação de ovinos de corte, compreendida desde a chegada dos animais à propriedade até sua adaptação plena ao novo ambiente, é de importância estratégica para o sucesso do empreendimento. Este período, denominado **ambientação**, exige uma série de cuidados voltados à redução do estresse, à prevenção de doenças e à integração dos ovinos ao manejo rotineiro. Uma condução inadequada dessa etapa pode resultar em perdas produtivas, aumento na incidência de enfermidades e comprometimento do desempenho zootécnico dos animais.

A **ambientação** tem início com o transporte adequado dos ovinos, que deve ser feito em veículos limpos, bem ventilados e com densidade compatível à quantidade de animais, de modo a evitar ferimentos, desidratação e exaustão. Ao chegarem à propriedade, os carneiros e cordeiros não devem ser inseridos imediatamente nos lotes já existentes. É recomendável que passem por um período de **quarentena**, geralmente de 15 a 30 dias, em local separado, a fim de observação clínica, adaptação ao novo manejo alimentar e realização de tratamentos sanitários preventivos.

Durante esse período de isolamento, é fundamental realizar uma **avaliação zootécnica e sanitária dos animais**, verificando o escore corporal, a presença de ectoparasitas, sintomas respiratórios, digestivos ou dermatológicos, bem como o comportamento geral. Procedimentos como vermifugação, vacinação e, se necessário, tratamento contra infecções devem ser executados conforme o protocolo sanitário regional, preferencialmente sob orientação de um médico veterinário. Além disso, é neste momento que o produtor pode realizar o controle zootécnico básico, com a marcação e o registro individual dos animais, o que facilitará o monitoramento futuro de desempenho e saúde.

A **adaptação ao manejo alimentar** também é um fator crítico durante a **ambientação**. Os ovinos podem chegar de sistemas alimentares distintos, como confinamento, pasto irrigado ou semiárido nativo. A transição

alimentar deve ser feita de maneira gradual, com a introdução progressiva dos novos ingredientes da dieta local, evitando distúrbios digestivos como timpanismo e diarreias. Fornecer alimentos de boa qualidade, em quantidade adequada e em horários regulares ajuda a restabelecer o apetite e favorece a rápida recuperação do estado nutricional.

Outro aspecto relevante é a **ambientação física**, ou seja, o reconhecimento pelos animais das novas instalações, como currais, abrigos, bebedouros e comedouros. Os carneiros e cordeiros devem ser guiados com calma e paciência, evitando agitação e ruídos excessivos que provoquem estresse. O estresse é um dos principais inimigos do bom desempenho animal, pois interfere no sistema imunológico, reduz o consumo alimentar e favorece o aparecimento de doenças oportunistas. Portanto, o contato inicial com os tratadores e com a rotina de manejo deve ser feito de forma tranquila e constante, criando um ambiente previsível e seguro para os animais.

Durante os primeiros dias, é recomendável fazer **monitoramentos diários**, anotando qualquer alteração de comportamento, postura, ingestão alimentar ou presença de secreções. Essa vigilância é essencial para a detecção precoce de problemas sanitários, como infecções respiratórias, doenças entéricas ou parasitárias, que costumam ocorrer com maior frequência durante o processo de adaptação. Animais com sinais clínicos devem ser imediatamente separados para avaliação e tratamento.

Além disso, a oferta de **água limpa e em temperatura adequada** é crucial para a recuperação fisiológica dos ovinos após o transporte e para o funcionamento adequado de seu metabolismo. A hidratação influencia diretamente no consumo de alimentos e no desempenho produtivo. O uso de bebedouros de fácil acesso, limpos e bem localizados estimula a ingestão hídrica e contribui para o bem-estar.

A **ambiência do local**, incluindo aspectos como temperatura, ventilação, umidade e iluminação, também deve ser observada. Em regiões de clima quente, é necessário assegurar sombra e circulação de ar adequada. Em áreas frias, a proteção contra ventos e chuvas é fundamental, principalmente para cordeiros recém-nascidos e animais debilitados.

Por fim, a ambientação deve ser compreendida como parte de um **processo contínuo de adaptação do rebanho à realidade da propriedade**, sendo o primeiro passo para o desenvolvimento de um sistema produtivo eficiente, ético e tecnicamente sustentável. Criadores que investem tempo e atenção na recepção dos seus animais tendem a obter melhores índices produtivos, menores taxas de mortalidade e uma relação mais estável entre bem-estar animal e retorno econômico.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Boas práticas na recepção e ambientação de ovinos de corte*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2021.

SILVA, M. R.; SANTOS, N. M. *Manejo inicial e sanidade na ovinocultura de corte*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2020.

COSTA, R. G.; MEDEIROS, A. N. *Bem-estar e sanidade de ovinos em sistemas de produção tropicais*. João Pessoa: UFPB, 2022.

RIBEIRO, M. N.; OLIVEIRA, M. E. *Criação de ovinos no Brasil: fundamentos técnicos e operacionais*. Recife: EDUFRPE, 2019.

Higiene, bem-estar e manejo sanitário básico na ovinocultura de corte

A criação de ovinos de corte exige, para além de boas práticas alimentares e reprodutivas, uma atenção rigorosa às condições de higiene, bem-estar e manejo sanitário. Esses fatores são determinantes para o sucesso da atividade, influenciando diretamente no desempenho produtivo, na qualidade da carne e na sustentabilidade econômica da propriedade. O ambiente onde os ovinos vivem, o estado de saúde do rebanho e o tratamento dispensado aos animais são elementos que, quando bem conduzidos, reduzem riscos de doenças, melhoram a conversão alimentar e asseguram o cumprimento das normas sanitárias exigidas pelos mercados consumidores.

A **higiene das instalações** é o primeiro passo para garantir um ambiente saudável. A limpeza regular dos abrigos, comedouros, bebedouros, currais e áreas de manejo é essencial para evitar o acúmulo de fezes, urina, restos de alimento e umidade, todos potenciais focos de microrganismos patogênicos. Comedouros e bebedouros devem ser lavados frequentemente, preferencialmente com escovas e água corrente, e, se possível, desinfetados com produtos adequados. O piso das instalações deve permitir o escoamento da água e a fácil remoção de resíduos. A ventilação adequada, a entrada de luz natural e a proteção contra ventos e chuvas também são aspectos que contribuem para manter o ambiente seco e livre de agentes infecciosos.

O **bem-estar animal** envolve uma série de práticas que asseguram às ovelhas e cordeiros condições físicas e psicológicas apropriadas durante todas as fases do ciclo produtivo. Entre os princípios do bem-estar estão a ausência de fome e sede, de desconforto físico, de dor e doenças, a liberdade para expressar comportamentos naturais e a proteção contra situações de medo e estresse. Na prática, isso significa proporcionar aos ovinos alimentação e hidratação constantes e de qualidade, áreas de descanso limpas e seguras, espaços adequados para movimentação, interação social com outros animais e manejo calmo e respeitoso por parte dos tratadores. Animais estressados ou submetidos a maus-tratos tendem a apresentar queda na imunidade, redução na ingestão alimentar, alterações comportamentais e maior incidência de doenças.

O **manejo sanitário básico** deve ser planejado e implementado de forma preventiva. A sanidade do rebanho começa com a aquisição de animais saudáveis, provenientes de criatórios certificados ou com histórico sanitário confiável. Ao ingressar na propriedade, os animais devem passar por uma quarentena para observação clínica e realização dos primeiros cuidados. O protocolo sanitário inclui a vermifugação periódica, o controle de ectoparasitas, a vacinação conforme o calendário regional e o monitoramento constante do estado corporal e comportamental dos ovinos.

As **verminoses gastrointestinais**, causadas por parasitas como *Haemonchus contortus*, são uma das principais ameaças sanitárias em rebanhos ovinos, especialmente em regiões tropicais. A vermifugação deve ser realizada com produtos eficazes e em datas previamente estabelecidas, com atenção à rotação de princípios ativos para evitar resistência parasitária. A prática do controle estratégico, aliado ao manejo de pastagens e à avaliação do escore de mucosas (método Famacha), tem se mostrado eficaz no combate às verminoses.

As **vacinações obrigatórias** devem seguir os protocolos estabelecidos por órgãos oficiais, sendo a mais comum a vacinação contra o clostridiose (enterotoxemia, tétano e outras formas de infecção por *Clostridium* spp.), que protege os animais contra doenças fatais. Outras vacinas, como contra ectima contagioso e linfadenite caseosa, podem ser indicadas conforme a região e o histórico da propriedade. A aplicação correta das vacinas, o respeito aos prazos e o armazenamento adequado dos imunizantes são aspectos que garantem sua eficácia.

O **controle de ectoparasitas**, como piolhos, carrapatos e ácaros, também deve fazer parte do manejo rotineiro. Esses parasitas provocam coceiras, lesões na pele, anemia e infecções secundárias, além de reduzirem o bem-estar e a produtividade dos animais. Banhos com produtos antiparasitários, inspeções periódicas e cuidados com a higiene do ambiente são práticas fundamentais no combate a esses agentes.

Além dos cuidados com a saúde física, é necessário um **monitoramento constante do comportamento** e da aparência dos animais. Ovinos apáticos, com queda de apetite, isolamento, diarreia, tosse, secreções ou claudicação devem ser rapidamente separados do restante do rebanho e avaliados por um técnico ou veterinário. A precocidade no diagnóstico e no tratamento é essencial para evitar perdas maiores e a disseminação de doenças.

Por fim, todas as ações sanitárias e de manejo devem ser registradas em cadernos de campo ou sistemas informatizados. O controle zootécnico permite a rastreabilidade do rebanho, auxilia no planejamento de intervenções futuras e é um requisito para muitos programas de certificação e comercialização de carne ovina de qualidade.

A atenção aos princípios de higiene, bem-estar e manejo sanitário básico representa não apenas uma obrigação ética e legal do criador, mas uma estratégia inteligente de produtividade. Animais saudáveis e bem manejados consomem melhor, crescem mais rápido, apresentam melhor qualidade de carne e exigem menos gastos com tratamentos corretivos. Assim, investir nessas práticas é também investir na viabilidade e no futuro da ovinocultura de corte.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Manejo sanitário de ovinos: prevenção e controle de doenças*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2021.

SANTOS, N. M.; COSTA, R. G. *Sanidade e bem-estar em sistemas de produção ovina*. João Pessoa: UFPB, 2020.

RIBEIRO, M. N.; LIMA, M. F. *Boas práticas de manejo e higiene na ovinocultura de corte*. Recife: EDUFRPE, 2019.

SILVA, C. J.; OLIVEIRA, M. E. *Bem-estar animal e saúde na criação de ovinos*. São Paulo: SENAR-SP, 2022.

Tipos de alimentação na ovinocultura de corte: pasto, ração e suplementos

A alimentação é um dos pilares da ovinocultura de corte, influenciando diretamente no crescimento, na saúde, na eficiência reprodutiva e na qualidade da carne produzida. Os ovinos são animais ruminantes com capacidade de aproveitamento de alimentos fibrosos, o que lhes permite adaptar-se a diferentes sistemas alimentares. A dieta deve ser balanceada e ajustada conforme a fase de desenvolvimento dos animais, o sistema de criação e os recursos disponíveis. Três categorias principais compõem a base alimentar dos carneiros de corte: o pasto, a ração e os suplementos alimentares. Cada uma dessas fontes tem características próprias e exerce papel estratégico na nutrição do rebanho.

O **pasto** é a forma mais natural e econômica de alimentar ovinos, sendo a base da dieta em sistemas extensivos e semi-intensivos. As pastagens podem ser nativas ou cultivadas, e sua qualidade nutricional varia conforme a espécie forrageira, o manejo, a fertilidade do solo, a estação do ano e a presença de plantas invasoras. Gramíneas como capim-braquiária, capim-tifton e capim-andropogon são comumente utilizadas em regiões tropicais, enquanto leguminosas como estilosantes e leucena podem ser incorporadas para enriquecer o valor proteico da dieta. O manejo rotacionado das pastagens, com controle da altura do pasto e do tempo de ocupação dos piquetes, contribui para o aproveitamento racional do alimento, a preservação do solo e a prevenção de doenças parasitárias.

Apesar de seu baixo custo, o pasto nem sempre supre todas as necessidades nutricionais dos animais, principalmente em períodos de estiagem, gestação, lactação ou terminação. Nesses casos, é necessário complementar a dieta com alimentos concentrados. A **ração** é composta por ingredientes energéticos e proteicos processados, como milho, farelo de soja, trigo, polpa cítrica, entre outros. Ela é fundamental em sistemas intensivos ou confinados, onde os ovinos não têm acesso direto ao pasto. A ração permite controle rigoroso da ingestão de nutrientes, acelera o ganho de peso e melhora a padronização dos lotes. No entanto, seu uso deve ser feito com critérios, considerando o custo-benefício, a adaptação dos animais e o risco

de distúrbios digestivos, como acidose ruminal, especialmente se houver mudança abrupta na dieta.

A **suplementação alimentar** é uma estratégia intermediária entre o uso exclusivo de pastagens e o fornecimento contínuo de ração. Consiste na oferta de insumos adicionais para suprir deficiências específicas da dieta base. Os **suplementos minerais** são indispensáveis, mesmo em sistemas exclusivamente pastoris, pois corrigem carências de macro e microminerais essenciais, como fósforo, cálcio, zinco e cobre. A falta desses elementos pode comprometer o crescimento, a fertilidade, a imunidade e a formação óssea dos animais. Suplementos minerais devem ser oferecidos de forma contínua, em cochos protegidos da chuva, e renovados periodicamente para evitar empedramento ou contaminação.

Outros tipos de suplementos incluem os **proteico-energéticos**, que são fornecidos em períodos críticos como a seca ou para categorias específicas, como cordeiros em crescimento e ovelhas gestantes. Alimentos como ureia tratada, tortas vegetais, farelos e silagens entram nessa categoria e servem para manter o desempenho do rebanho em épocas de escassez forrageira. Também há os **suplementos aditivos**, como probióticos, prebióticos, tamponantes e aditivos melhoradores de desempenho, utilizados principalmente em criações tecnificadas para melhorar a digestibilidade e o aproveitamento dos nutrientes.

A escolha do tipo de alimentação deve considerar diversos fatores, como a finalidade da criação (reprodução, engorda, recria), o estágio fisiológico dos animais (crescimento, gestação, lactação), a disponibilidade de alimentos na região, os custos de produção e a mão de obra disponível. Um plano nutricional bem elaborado, com uso racional de recursos naturais e suplementação técnica, aumenta a eficiência alimentar, reduz perdas, melhora os índices produtivos e promove o bem-estar animal.

Além disso, o manejo alimentar exige planejamento e monitoramento constante. É necessário observar o comportamento dos animais, o consumo diário, a condição corporal e a ocorrência de sinais de deficiência nutricional. Mudanças na dieta devem ser feitas de forma gradual, respeitando o tempo

de adaptação do rúmen, que é sensível a alterações abruptas. O fornecimento de alimentos deve ser feito em horários regulares, em ambientes limpos e com equipamentos adequados, evitando disputas, desperdício e contaminação.

Portanto, o sucesso da alimentação na ovinocultura de corte depende da integração eficiente entre o uso de pastagens, a formulação de rações balanceadas e a suplementação estratégica. Cada componente tem seu papel, e sua combinação inteligente possibilita o alcance de resultados produtivos e econômicos satisfatórios, mesmo em propriedades com estrutura simples. A adoção de práticas alimentares coerentes com a realidade do produtor e as necessidades do rebanho é um dos principais caminhos para a profissionalização e a sustentabilidade da atividade.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Nutrição e alimentação de ovinos de corte: fundamentos e práticas recomendadas*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

SANTOS, N. M.; SILVA, M. R. *Alimentação estratégica de ovinos no semiárido: uso de forragens e suplementos*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019.

COSTA, R. G.; MEDEIROS, A. N. *Sistemas alimentares para ovinos em produção de carne*. João Pessoa: UFPB, 2021.

RIBEIRO, M. N.; LIMA, M. F. *Práticas alimentares sustentáveis na ovinocultura brasileira*. Recife: EDUFRPE, 2022.

Exigências nutricionais em cada fase da vida dos ovinos de corte

As exigências nutricionais dos ovinos de corte variam significativamente de acordo com as diferentes fases da vida, sendo influenciadas por fatores como idade, peso, sexo, estado fisiológico e sistema de criação. Atender de forma adequada essas necessidades é essencial para o bom desempenho produtivo, a saúde dos animais e a rentabilidade da atividade. Uma nutrição equilibrada e ajustada à fase de desenvolvimento permite otimizar o crescimento, melhorar os índices reprodutivos, aumentar a eficiência alimentar e garantir a qualidade da carne ovina destinada ao mercado consumidor.

A fase inicial, que compreende o **período neonatal e a amamentação**, exige atenção especial. Os cordeiros recém-nascidos dependem exclusivamente do colostro materno nas primeiras horas de vida, sendo esse alimento rico em anticorpos, energia e nutrientes essenciais para o fortalecimento do sistema imunológico. O colostro deve ser fornecido idealmente nas primeiras seis horas após o parto, período em que a absorção de imunoglobulinas é mais eficiente. Após os primeiros dias, o leite materno torna-se a principal fonte nutricional até o desmame, que ocorre geralmente entre 60 e 90 dias de vida. Durante essa fase, o fornecimento de alimentos sólidos como feno, concentrado e água limpa deve ser iniciado gradualmente para estimular o desenvolvimento do rúmen e facilitar a transição pós-desmame.

Na **fase de crescimento e recria**, os cordeiros demandam elevados níveis de energia e proteína, pois estão em pleno desenvolvimento corporal. A alimentação nessa etapa deve priorizar ingredientes de alta digestibilidade e qualidade nutricional. A suplementação com ração balanceada pode acelerar o ganho de peso, reduzir a idade ao abate e melhorar a uniformidade do lote. É importante oferecer alimento em quantidade suficiente e com frequência regular para evitar estresse nutricional e competição. Minerais como cálcio, fósforo, zinco e cobre são fundamentais para o crescimento ósseo e o desenvolvimento muscular adequado. A deficiência nutricional nessa fase compromete o desempenho futuro, resultando em menor rendimento de carcaça e maior suscetibilidade a doenças.

A fase adulta, quando os ovinos atingem a **maturidade fisiológica**, apresenta exigências nutricionais mais estáveis, porém dependentes da função zootécnica do animal. Os animais destinados à **reprodução**, como matrizes e reprodutores, necessitam de alimentação específica. As fêmeas devem receber dieta equilibrada durante o período de cobertura, gestação e lactação. Na gestação, sobretudo nos últimos 45 dias, o desenvolvimento fetal é acelerado e aumenta a demanda por energia e proteína. O fornecimento inadequado pode resultar em natimortos, baixo peso ao nascimento ou problemas no parto. Durante a lactação, o consumo energético se eleva para garantir produção de leite suficiente, especialmente em partos gemelares. Já os reprodutores devem manter escore corporal adequado, com dietas que sustentem sua atividade sexual sem causar excesso de gordura, o que pode prejudicar a fertilidade.

Na fase de **engorda ou terminação**, especialmente em sistemas intensivos, a nutrição é voltada para o rápido ganho de peso com boa conversão alimentar. Dietas concentradas, com alta densidade energética e proteína ajustada, são utilizadas para promover crescimento muscular e acabamento de carcaça. Nessa etapa, a atenção com o manejo alimentar é essencial para evitar distúrbios metabólicos como acidose ruminal. A inclusão de fibras, mesmo em dietas concentradas, é importante para manter a motilidade ruminal e evitar problemas digestivos. A suplementação com minerais e aditivos também pode ser utilizada para melhorar a eficiência do aproveitamento dos nutrientes e a qualidade final da carne.

Os **animais em condições especiais**, como cordeiros órfãos, fêmeas em recuperação ou ovinos mantidos em ambientes de clima extremo, também apresentam exigências nutricionais particulares. Nessas situações, é necessário adaptar a dieta à condição corporal, ao histórico sanitário e às limitações do sistema produtivo, sempre buscando suporte técnico para formulações adequadas.

O sucesso na ovinocultura de corte está diretamente associado à capacidade do produtor em compreender as variações nutricionais ao longo do ciclo de vida dos animais e ajustar o fornecimento alimentar de acordo com essas necessidades. A alimentação deve ser planejada com base em forragens disponíveis, suplementação estratégica, qualidade da água e controle

rigoroso do escore corporal dos animais. A assistência de profissionais como zootecnistas e veterinários é recomendada para a elaboração de dietas balanceadas, considerando o custo-benefício e os objetivos produtivos da propriedade.

Em síntese, uma abordagem nutricional diferenciada para cada fase da vida permite alcançar maior produtividade, saúde e bem-estar dos ovinos, resultando em um sistema de produção mais eficiente, competitivo e sustentável.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Nutrição de ovinos de corte: fases de vida e exigências nutricionais*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2020.

COSTA, R. G.; MEDEIROS, A. N. *Nutrição e alimentação de pequenos ruminantes: teoria e prática aplicada*. João Pessoa: UFPB, 2021.

SANTOS, N. M.; OLIVEIRA, M. E. *Exigências nutricionais de ovinos nas diferentes fases produtivas*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019.

RIBEIRO, M. N.; LIMA, M. F. *Manejo alimentar e desempenho zootécnico de ovinos de corte*. Recife: EDUFRPE, 2022.

Práticas de fornecimento de água e alimentação balanceada na ovinocultura de corte

A ovinocultura de corte, para atingir níveis elevados de produtividade e sustentabilidade, depende diretamente da correta implementação de práticas nutricionais e de hidratação. A água e a alimentação balanceada são componentes essenciais para garantir o bom funcionamento metabólico, o crescimento, a reprodução, a saúde e o bem-estar dos ovinos. O fornecimento inadequado de qualquer desses elementos compromete todo o sistema produtivo, refletindo em baixa eficiência alimentar, maior suscetibilidade a doenças e prejuízos econômicos para o produtor.

A **água** é o nutriente mais importante na dieta dos ovinos, embora muitas vezes seja negligenciado. Seu consumo influencia diretamente o aproveitamento de outros nutrientes, a digestão, a regulação térmica e a eliminação de resíduos metabólicos. Os ovinos devem ter acesso irrestrito à água limpa, fresca e de boa qualidade durante todo o dia, especialmente em períodos de alta temperatura, lactação, crescimento acelerado e ingestão de alimentos secos ou concentrados. A qualidade da água deve ser monitorada constantemente, pois águas contaminadas por matéria orgânica, resíduos químicos ou microrganismos patogênicos podem causar distúrbios digestivos, intoxicações e reduzir o desempenho zootécnico do rebanho.

A estrutura utilizada para fornecimento de água deve ser adequada ao tamanho do lote, fácil de limpar, protegida contra a contaminação por fezes e urina e resistente às ações do tempo. Bebedouros automáticos, de concreto ou plástico resistente, são recomendados por oferecerem água de forma contínua e minimizarem o desperdício. Em sistemas extensivos, onde o acesso à água natural é mais comum, é imprescindível garantir que as fontes estejam seguras e não representem riscos sanitários para os animais. A localização estratégica dos bebedouros em áreas de descanso ou de alimentação favorece o consumo e reduz o deslocamento excessivo.

Paralelamente à oferta de água, a **alimentação balanceada** é um fator determinante para o sucesso da criação de carneiros de corte. Alimentação balanceada refere-se ao fornecimento de uma dieta que atenda todas as exigências nutricionais dos animais em termos de energia, proteína, fibras, minerais e vitaminas, considerando a fase de vida, o peso, o sexo e os objetivos produtivos. A dieta ideal deve promover o crescimento adequado, assegurar uma boa condição corporal, manter a saúde e maximizar o aproveitamento dos alimentos.

Nos sistemas de produção a pasto, que são predominantes no Brasil, o uso de forragens de boa qualidade deve ser associado a práticas como o pastejo rotacionado, o controle da altura das pastagens e a correção do solo, para garantir a oferta contínua e equilibrada de nutrientes. Porém, a forragem por si só pode não suprir todas as necessidades nutricionais, especialmente durante a seca ou em períodos de exigência fisiológica elevada, como crescimento acelerado e lactação. Nesses casos, torna-se necessário o uso de suplementação com concentrados, minerais e volumosos conservados como silagem ou feno.

A formulação de dietas balanceadas deve levar em consideração o valor nutritivo dos alimentos disponíveis, o custo de aquisição, a disponibilidade regional e o perfil do rebanho. Ingredientes como milho, farelo de soja, sorgo, polpa cítrica e tortas vegetais são comuns na composição de rações comerciais ou caseiras, e podem ser ajustados conforme o objetivo: manutenção, crescimento, engorda ou reprodução. A inclusão de minerais, por meio de suplementos minerais prontos ou misturas caseiras, é indispensável, já que a deficiência de elementos como cálcio, fósforo, cobre e zinco pode levar a problemas de crescimento, fertilidade e resistência imunológica.

Além da composição, a **forma de fornecimento** dos alimentos influencia no aproveitamento da dieta. Os comedouros devem ser bem dimensionados, dispostos em local seco e protegido, de fácil acesso para os animais e com limpeza regular. O fornecimento de ração ou suplemento deve ser feito em horários regulares, evitando mudanças bruscas na dieta, que podem causar distúrbios digestivos como acidose ou timpanismo. A adaptação gradativa a

novos ingredientes é uma prática recomendada para preservar a flora ruminal e garantir a saúde dos ovinos.

Outro ponto relevante é o monitoramento constante da **condição corporal** dos animais, o que permite avaliar se a dieta está adequada e fazer ajustes conforme necessário. Animais magros ou obesos indicam desequilíbrios nutricionais que precisam ser corrigidos para evitar perdas de desempenho. A orientação técnica de um zootecnista ou veterinário é fundamental para a formulação precisa das dietas e para o acompanhamento do impacto nutricional sobre os resultados produtivos.

Em resumo, práticas adequadas de fornecimento de água e alimentação balanceada são fundamentais para a eficiência da ovinocultura de corte. A disponibilidade constante de água limpa e a oferta de dietas formuladas com base em critérios técnicos promovem maior ganho de peso, resistência sanitária e bem-estar animal, além de refletirem diretamente na qualidade da carne produzida. Um sistema de alimentação bem gerido é um dos pilares que sustentam uma criação de ovinos produtiva, ética e economicamente viável.

Referências bibliográficas

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Nutrição de ovinos: água, minerais e alimentação balanceada*. Brasília: Embrapa Caprinos e Ovinos, 2021.

COSTA, R. G.; MEDEIROS, A. N. *Nutrição e manejo alimentar de ovinos de corte*. João Pessoa: UFPB, 2020.

SANTOS, N. M.; OLIVEIRA, M. E. *Alimentação estratégica e fornecimento de água para pequenos ruminantes*. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará, 2019.

RIBEIRO, M. N.; LIMA, M. F. *Práticas alimentares sustentáveis na ovinocultura brasileira*. Recife: EDUFRPE, 2022.